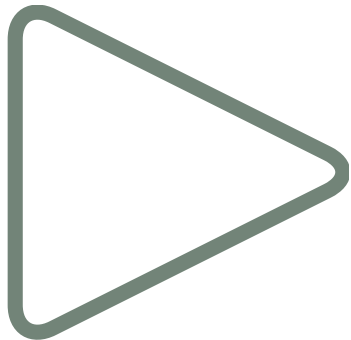




Empresas & Negócios do AGRO

agronegocio@netjen.com.br

São Paulo, quarta-feira, 20 de maio de 2026

StockSeller_ukr_CANVA

Produtividade da cana em abril cresce 13% no Centro-Sul

O Boletim de Olho na Safra, elaborado com dados da Plataforma de Benchmarking do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC), aponta um crescimento de 13% na produtividade média da cana-de-açúcar na região Centro-Sul em abril, em relação ao mesmo período da safra anterior, de 73,8 toneladas de cana por hectare em 2025/26 para 83,4 t/ha em 2026/27. A qualidade da cana (ATR) apresentou leve alta de 0,5%, passando de 112,1 kg ATR/t para 112,6 kg ATR/t.

ESTRESSE

A chegada da hora da desmama das crias é um dos períodos mais críticos para o produtor, uma vez que o estresse causado pela separação abrupta da vaca pode resultar em problemas de desempenho como perda de peso, baixa imunidade, estresse e risco de doenças. Por isso, a adoção de um manejo estratégico com suplementação adequada pode minimizar ou até mesmo evitar o surgimento desses efeitos prejudiciais nesse período.

O desmame é feito, normalmente, em torno de 6 a 8 meses de vida do animal, e nesse momento, o bezerro perde a referência da sua mãe. “Vamos lembrar que antes ele estava junto dela, confortável, num pasto verde e de repente se separa. Então, é normal que o peso caia drasticamente nesses primeiros 30 a 40 dias pós-desmame. Um bezerro que tem uma desmama malfeita nesse momento, com muito estresse, pode perder peso não apenas nesse período, mas apresentar essa ineficiência durante todo o sistema de recria e engorda”, alerta o diretor técnico industrial da Connan, Bruno Marson.

Entre os principais gatilhos de estresse estão o desmame abrupto, quando a separação ocorre de forma repentina, com o bezerro sendo retirado e colocado longe da mãe, sem contato visual ou auditivo, o que provoca angústia e vocalização excessiva.



MANEJO ESTRATÉGICO AJUDA A EVITAR PERDA DE PESO NA FASE DA DESMAMA

Boa Safra leva inovação e portfólio multiculturas à AgroBrasília 2026

A Boa Safra, líder no mercado brasileiro de sementes, participa da AgroBrasília 2026, reforçando sua proximidade com os produtores rurais do Centro-Oeste e sua atuação estratégica em uma das regiões mais relevantes para o agronegócio nacional. A feira será realizada de 19 a 23 de maio, em Brasília, no Distrito Federal, reunindo os principais players do setor em um ambiente voltado à geração de negócios e apresentação de tecnologias para o campo.

Reconhecida como uma das principais vitrines da inovação no agronegócio, a AgroBrasília é voltada a produtores, especialistas e empresas do setor. Para a Boa Safra, a participação no evento representa uma oportunidade de fortalecer o relacionamento com clientes e parceiros, e apresentar seu portfólio completo de sementes e tecnologias voltadas à alta produtividade no campo.

Além da liderança em soja, a companhia levará para a feira soluções importantes para o produtor, com destaque para sementes de milho, sorgo, feijão, trigo e forrageiras, reforçando sua atuação multiculturas e o compromisso em atender diferentes sistemas produtivos com qualidade, tecnologia e segurança.

Leilão da VPJ acelera expansão do Brangus e Ultrablack no Nordeste

Divulgação



Realizada em 16 de maio, em Maceió (AL), durante a Expo-alagoas Genética, a segunda edição do Leilão VPJ Genetics – Edição Nordeste movimentou quase R\$ 1,3 milhão e registrou crescimento de 30% em relação ao ano anterior. O desempenho consolida o avanço das raças Brangus e Ultrablack no Nordeste dentro do projeto de expansão iniciado pela VPJ Pecuária em Sergipe, no ano passado.

Ao todo, 57 lotes passaram pelo tateral do Parque da Pecuária, além de 122 pacotes de embriões de doadoras Brangus e Ultrablack da VPJ. O evento atraiu compradores de nove estados brasileiros, com o Nordeste concentrando 63% das aquisições. Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia lideram os investimentos.

O principal destaque do remate foi a venda de 50% do reprodutor Brangus VPJ MALVADO FIV 2096, arrematado por R\$ 68 mil pelo criador alagoano Cícero Rafael Tenório da Silva. O touro integra um modelo inovador de investimento da VPJ, no qual sócios de reprodutores em centrais recebem royalties proporcionais à comercialização de sêmen.

Nome frequente nos leilões da marca, Rafael Tenório, como

é conhecido, ingressou nessa modalidade no ano passado, ao adquirir participação no Aberdeen Angus VPJ KING TEI 644, atualmente em coleta na Alta Genetics. Nesta edição, ampliou seus investimentos ao comprar também 50% do Ultrablack VPJ EL CID FIV 156 por R\$ 40 mil.

Em coleta na Semex, MALVADO é TOP 1% para Índice de Desmama, Índice Final e Índice de Carcaça, reunindo desempenho produtivo e qualidade de carne em um único pedigree. Filho do norte-americano CB NEW STANDARD 817J3, carrega uma genética rara tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Já EL CID é considerado um dos principais touros Ultrablack já produzidos no país.

“Quando o Valdomiro externou o desejo de realizar o leilão no Nordeste, sugeri que fosse em Maceió para impulsionarmos ainda mais o agronegócio alagoano, ampliando nossa capacidade de produzir e exportar alimentos de excelência”, afirma.

Entre as fêmeas, o destaque foi a Brangus VPJ FLORA FIV 2090, irmã própria de MALVADO, vendida por R\$ 44 mil para o criador Roberto Cavalcante, de Itapororoca (PB).

Acordo entre BNDES e Conab prevê estudos para fortalecimento do abastecimento alimentar no país

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), assinaram um acordo de cooperação técnica para a realização de estudos que contribuam para fortalecer o setor de abastecimento alimentar. A iniciativa prevê a avaliação de dados e informações e a proposição de ações para inovação e aprimoramento das políticas públicas existentes. Também deverão ser identificadas potenciais parcerias relacionadas ao abastecimento alimentar no Brasil.

A formalização da cooperação aconteceu na sede do MDA, com a participação da ministra Fernanda Machiaveli. O Banco foi representado pelo seu diretor de Planejamento e Relações Institucionais do BNDES, Nelson Barbosa, e pelo superintendente da Área de Soluções de Infraestrutura, Ian Ramalho Guerriero. Pela Conab, assinaram o documento o seu diretor-presidente, Sílvio Isoppo Porto, e o seu diretor de Operações e Abastecimento, Arnaldo Anacleto de Campos.

“O Banco irá realizar um estudo com recursos próprios sobre o sistema de abastecimento no Brasil” explicou Nelson Barbosa

Destaque I

COR Café



Dia Nacional do Café

Celebrado em 24 de maio, o Dia Nacional do Café ganha uma programação especial em Curitiba. Antecipando a data, o COR Café promove no dia 19 de maio a “Degustação Especial – Um Passeio pelas Regiões do Brasil”, uma experiência guiada que convida o público a explorar os diferentes perfis sensoriais dos cafés brasileiros. O encontro propõe mais do que uma simples degustação: é uma imersão nos aromas, sabores e histórias por trás de grãos cultivados em diferentes terroirs do país — que é o maior produtor de café do mundo e também um dos maiores consumidores. Durante a experiência, os participantes poderão comparar cafés de distintas regiões produtoras, percebendo como fatores como altitude, clima, variedade e processo de pós-colheita impactam diretamente no sabor da bebida. Notas que variam entre chocolate, frutas, caramelo e flores ajudam a ilustrar a diversidade do café brasileiro, que vem ganhando cada vez mais destaque no segmento de cafés especiais — aqueles que atingem pontuação acima de 80 pontos na escala da Specialty Coffee Association (SCA) (<http://www.corcafe.com.br>).

Destaque II

Arquivo Expocacer



Imersão no Sul de Minas com foco em liderança feminina no agronegócio café

A Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado Ltda (Expocacer) realiza, até 20 de maio, a Missão Elas no Café 2026, no Sul de Minas. A iniciativa, desenvolvida em parceria com o Sebrae, integra as ações do Dia Nacional do Café e reúne mulheres cooperadas e familiares de cooperados(as) em uma imersão voltada à troca de experiências e ao fortalecimento da atuação feminina no setor. A proposta é promover uma jornada de conexão, aprendizado e inspiração em uma das principais regiões produtoras do país. Durante o roteiro, as participantes terão acesso a propriedades, projetos e instituições de referência, conhecendo de perto diferentes modelos de gestão, iniciativas voltadas à inclusão feminina e o mercado de cafés especiais.

ExpoCerrado 2026 bate recorde e movimentou R\$ 50,9 milhões

A ExpoCerrado 2026, que integrou a tradicional feira de negócios da Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado (Expocacer) e o 25º Fórum de Mercado e Políticas do Café da Acarpa Associação dos Cafeicultores da Região de Patrocínio (Acarpa), consolidou-se como um dos principais eventos da cafeicultura brasileira ao encerrar sua edição, com um resultado histórico: R\$ 50,9 milhões em negócios gerados, superando o volume registrado em 2025, quando a feira movimentou R\$ 50,3 milhões. Realizada nos dias 5 e 6 de maio, em Patrocínio (MG), com mais de 2.400 pessoas ao longo dos dois dias de evento, a ExpoCerrado superou o número total de público registrado na edição anterior, evidenciando o crescimento da feira e o forte engajamento do setor. O resultado ganha ainda mais relevância diante do cenário atual de retração no mercado de insumos agrícolas.

Koppert apresenta novo fungicida

A Koppert Brasil é presença confirmada na Showtec 2026, que acontece de 19 a 21 de maio, em Maracaju. Nesta edição, a líder em soluções biológicas para agricultura apresenta um pacote robusto de inovações que impulsionam a produtividade e resultados consistentes em soja, milho e demais culturas da região. O principal destaque é o lançamento do Macan®, fungicida biológico formulado com a cepa exclusiva Bacillus velezensis CECT8237.

Com Selic a 14,50%, agroindústrias trocam crédito tradicional por linhas subsidiadas

Apesar da queda da taxa básica de juros, definida em 14,50% ao ano pelo Banco Central, o custo do capital continua a ocupar um papel central nas discussões do planejamento corporativo. Decisões sobre o acesso a recursos para financiar projetos, expandir operações ou realizar novos investimentos passaram a ser avaliadas sob critérios mais rigorosos, considerando o retorno ajustado ao risco, os impactos no fluxo de caixa e a estrutura. Desse modo, linhas de crédito voltadas à inovação, operadas por bancos de desenvolvimento, voltam a ganhar relevância como alternativa para viabilizar investimentos produtivos (<https://www.fcpartners.com.br/>).

Weber Haus exhibe na APAS 2026 sua cachaça com diamante em edição limitada de R\$ 16 mil

Entre os rótulos mais exclusivos da destilaria gaúcha Weber Haus, um em especial promete chamar a atenção do público durante a APAS Show 2026. A premiada Cachaça Diamant 21, edição avaliada em R\$ 16 mil, estará em exposição no estande da marca durante a maior feira supermercadista das Américas. Muito além de uma bebida, a Diamant 21 foi concebida como uma experiência sensorial e colecionável. A garrafa, produzida em edição especial, traz incrustado um diamante verdadeiro, transformando o rótulo em uma peça rara que une luxo, exclusividade e tradição.



OPINIÃO

Por que o agronegócio deve parar de customizar a gestão e conectar sistemas a ela para otimizar a produção

Tadeu Barbosa (*)

O agronegócio brasileiro construiu uma base tecnológica consistente ao longo das últimas duas décadas.

Nesse período, os sistemas de gestão empresarial, como o SAP, passaram a estruturar finanças, contratos, compras e logística com alto nível de controle e previsibilidade.

Essa é uma base que continua sendo indispensável.

Porém, os primeiros sinais de descompasso começam a aparecer quando a operação exige um nível de detalhamento que vai além do papel para o qual esses sistemas foram concebidos.

Há um conjunto de demandas que avançou em velocidade maior do que a evolução dos próprios sistemas: rastreabilidade por área, controle por talhão (unidade mínima de cultivo), integração com máquinas agrícolas, gestão por safra e variedade, compliance com certificações internacionais.

O ambiente de dados reflete essa mudança. A IDC projeta crescimento acelerado na geração de dados em operações físicas e distribuídas, impulsionado por sensores, telemetria e integração de equipamentos. Ainda assim, o Gartner estima que até 73% desses dados não são utilizados de forma efetiva em processos de decisão.

A distância aparece na prática operacional. A empresa amplia sua capacidade de capturar informação, mas encontra dificuldade em transformar esse volume em decisões rápidas e aderentes ao campo.

A reação mais comum tem sido expandir os próprios sistemas de gestão empresarial, incorporando regras, exceções e particularidades do negócio. E o efeito tende a ser progressivo.

Cada customização resolve um ponto específico, mas amplia a complexidade do

ambiente, pois:

- as atualizações passam a exigir mais tempo e esforço.
- a área de tecnologia direciona cada vez mais energia para sustentar o que já foi construído, com menor espaço para evoluir.

No agronegócio, onde as decisões precisam acompanhar o ritmo da safra, da logística e das exigências de mercado, esse tipo de limitação passa a impactar diretamente produtividade e margem.

O ponto central não está no sistema, mas na forma como ele vem sendo utilizado.

Isso porque os sistemas de gestão empresarial cumprem bem o papel de registro, consolidação e governança, mas, quando passam a concentrar processos altamente específicos que necessitam constantemente de adaptação, a estrutura começa a perder eficiência.

As operações mais maduras já começam a reorganizar esse modelo e o SAP permanece como núcleo transacional. A lógica do negócio, especialmente aquela que exige granularidade e adaptação contínua, passa a ser tratada fora dele, em sistemas conectados que refletem a realidade do campo.

Na prática, a tecnologia recupera capacidade de evolução, pois:

- a complexidade deixa de ser acumulada no lugar errado;
- o sistema de gestão empresarial recebe o dado consolidado;
- e, conseqüentemente, a operação ganha aderência.

Como o agronegócio brasileiro já demonstrou a capacidade de escalar produção com eficiência, o desafio é outro: sustentar a complexidade crescente sem comprometer a base que viabiliza o negócio.

(*) Head de novos negócios e inovação da CBDS.

Consumo de ovos bate recordes e acelera transformação da produção avícola

Impulsionada pelo avanço do consumo, pelo reconhecimento do valor nutricional do alimento e pela adoção de novas tecnologias na avicultura de postura, a produção de ovos no Brasil atravessa um período de crescimento e transformação. Diante desse cenário, especialistas e representantes da cadeia produtiva estarão reunidos nesta semana, nos dias 20 e 21 de maio, em Recife (PE), para o Simpósio de Inovações na Produção de Ovos Comerciais, promovido pela Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia Animal (FACTA).

Entre os temas em debate estarão a evolução da demanda por ovos comerciais no Brasil e no mercado internacional, além das perspectivas para o setor nos próximos anos. O presidente do Instituto Ovos Brasil, Edival Veras, apresentará uma análise comparativa entre o Brasil e outros países produtores, destacando o crescimento do consumo de ovos pela população brasileira nas últimas décadas.

“Há cerca de 15 anos, o brasileiro consumia aproximadamente 120 ovos por pessoa ao ano e



atualmente esse número está em 288 ovos per capita, de acordo com a ABPA [Associação Brasileira de Proteína Animal]”, afirma. Segundo Veras, o cenário reforça o papel estratégico da avicultura de postura no fornecimento de proteína acessível e de alto valor nutricional.

“A produção nacional vem acompanhando essa demanda de forma responsável, enquanto o Instituto Ovos Brasil trabalha para mostrar ao consumidor todos os benefícios do consumo de ovos. Trata-se de um alimento completo e muito importante para a saúde”, destaca o presidente da entidade.

Mais informações sobre a programação e inscrições estão disponíveis no site oficial: <https://eventos.facta.org.br/2026-simposio-poedeiras/>.

Além do Plano Safra: por que a gestão virou o novo critério de crédito no agro

Converso com produtores rurais toda semana. É uma situação que se repete mais do que deveria: operação robusta, faturamento expressivo, anos de experiência no campo, e Plano Safra como principal e, muitas vezes, única fonte de crédito. Não por falta de alternativas. Por falta de governança.

Henrique Galvani (*)

Ainda é comum encontrar produtores com operações robustas, faturamento expressivo e histórico consolidado, mas com lacunas básicas de gestão. Isso acaba limitando o acesso a outras fontes de financiamento, restando o Plano Safra como principal e, muitas vezes, única alternativa. Esse contraste evidencia um ponto central; o agro brasileiro já alcançou alta eficiência produtiva, mas ainda enfrenta desafios relevantes quando o assunto é gestão e estruturação financeira.

Demonstrações financeiras desestruturadas, ausência de projeção de fluxo de caixa, contratos informais e pouca separação entre pessoa física e jurídica seguem como entraves silenciosos. Na prática, o gargalo deixa de ser produtivo e passa a ser organizacional, restringindo o acesso a crédito mais sofisticado e competitivo. Esse cenário ganha ainda mais relevância em um momento de transformação no mercado de crédito. O modelo tradicional, historicamente concentrado em linhas subsidiadas, começa a dar sinais de maior restrição, com aumento de custos e redução proporcional de incentivos.

Dentro desse contexto, o Plano Safra segue como um pilar importante, mas já não pode ser visto como única alternativa. No ciclo 2025/2026, o volume foi de R\$ 605 bilhões de crédito rural total anunciado, incluindo agricultura empresarial e familiar, mas houve redução no subsídio efetivo e aumento das taxas de juros, refletindo um ambiente mais desafiador. Mais do que volume, o momento exige uma leitura mais ampla sobre diversificação das fontes de financiamento.



Henrique Galvani.

O investidor quer entender a operação, avaliar riscos e ter clareza sobre a capacidade de execução ao longo do tempo, o que eleva o nível de exigência para os produtores.

Ao mesmo tempo, cresce a presença de instrumentos privados como Cédula de Produto Rural (CPR) estruturada, Certificado de Recebíveis do Agronegócio (CRA) e notas comerciais incentivadas, que ampliam as possibilidades de financiamento no setor. Diferentemente do crédito tradicional, mais padronizado, o capital privado opera com uma lógica mais analítica e criteriosa.

Essa transformação já é visível nos dados: em 2025, pela primeira vez na história, o

estoque de títulos privados superou o volume de empréstimos bancários tradicionais no Brasil, R\$ 2,21 trilhões contra R\$ 2,19 trilhões, segundo levantamento da Rio Bravo Investimentos com dados do Banco Central. Há dez anos, o mercado de capitais representava menos de um terço do crédito bancário. No agro, esse movimento ainda está em estágio inicial, estimamos que 25% a 30% do estoque de crédito do setor venha do mercado de capitais. Enquanto o restante da economia já fez a travessia, o agro ainda está na ponte.

Há, porém, uma diferença fundamental. Enquanto o crédito tradicional tende a seguir critérios mais uniformes, o capital privado exige previsibilidade, transparência e organização. O investidor quer entender a operação, avaliar riscos e ter clareza sobre a capacidade de execução ao longo do tempo, o que eleva o nível de exigência para os produtores.

É nesse ponto que a governança se torna decisiva. Organizar a gestão financeira, estruturar informações e profissionalizar processos não é apenas uma evolução administrativa, mas um passo estratégico para ampliar o acesso a capital, diversificar fontes de financiamento e, inclusive, reduzir o custo financeiro das operações.

O agro brasileiro já é reconhecido pela eficiência produtiva. O avanço agora passa pela capacidade de gestão. Em um cenário mais exigente, quem se antecipar e estruturar melhor sua operação terá mais alternativas, maior autonomia para crescer e melhores condições de negociação. O crédito existe. As alternativas também. A diferença está em quem está preparado para acessá-las.

(*) CEO da Arara Seed.

Imunocastração avança na suinocultura moderna ao aliar eficiência produtiva, previsibilidade e bem-estar animal

As exportações brasileiras de carne suína atingiram recorde de volume e receita em março de 2026, somando cerca de 153,8 mil toneladas — um crescimento de 32,2% em relação ao mesmo período do ano anterior. O resultado reforça a força e a competitividade da suinocultura nacional no mercado internacional, impulsionada pela demanda externa e pela consolidação do Brasil como um dos principais players globais do setor.

Nesse cenário de evolução e busca por maior eficiência, tecnologias que agregam valor à produção ganham protagonismo. A imunocastração, método que substitui a castração cirúrgica por meio da aplicação de vacina que atua na redução dos hormônios reprodutivos, se destaca como uma dessas estratégias, ao contribuir diretamente para a melhoria da qualidade da carne, o aumento do percentual desta carne na carcaça e melhora nos índices de conversão alimentar, gerando maior valorização econômica por animal abatido.

A suinocultura brasileira tem passado por uma transformação significativa nos últimos anos, impulsionada pela adoção de práticas que elevam os padrões de produtividade e sustentabilidade nas granjas. Nesse contexto, a adoção desse tipo de manejo tem se consolidado como uma alternativa eficiente para produtores que buscam aliar desempenho produtivo,



previsibilidade de resultados e cuidado com o bem-estar dos animais.

“O Brasil tem um papel estratégico no mercado global de carne suína, e, diante do crescimento das exportações, é cada vez mais importante contar com tecnologias que garantam previsibilidade, bem-estar animal e ganhos de produtividade ao longo de toda a cadeia”, destaca Dalvan Veit, Gerente Técnico de Suínos da Zoetis Brasil. “Soluções como a imunocastração contribuem diretamente para a eficiência dos sistemas produtivos, permitindo ao produtor atender às exigências dos mercados com mais qualidade, consistência e competitividade” conclui.

Nesse contexto, a vacina Vivax®, da Zoetis, têm desempenhado papel fun-

damental ao apoiar os produtores na implementação dessa estratégia de forma segura e eficaz. A aplicação é realizada por meio de duas aplicações subcutâneas de 2 mL na base do pescoço. Os animais deverão receber duas doses administradas com pelo menos 4 semanas de intervalo. Suínos machos deverão receber uma segunda dose de Vivax® entre 3 e 10 semanas antes do abate, enquanto as fêmeas, entre 4 e 10 semanas antes do abate.

“Estamos falando de uma tecnologia pioneira registrada em mais de 70 países, presente nos cinco continentes e já aplicada em mais de 225 milhões de animais abatidos no Brasil, o que reforça sua segurança e eficácia na prática”, destaca Dalvan. “Esse nível de adoção global e escala de uso traz ainda mais confiança para o produtor e contribui para uma suinocultura mais previsível, produtiva e alinhada às demandas de bem-estar animal e qualidade exigidas pelo mercado” finaliza.

A empresa reafirma seu compromisso de seguir investindo em ciência, capacitação e novas tecnologias que contribuam para uma produção mais eficiente, ética e alinhada às expectativas de consumidores e mercados globais, guiada pelo propósito de entregar uma experiência excepcional para encantar seus clientes e liderar por meio da inovação em toda a diversidade do portfólio.

Certificação RTRS supera 10 milhões de toneladas e consolida Brasil como principal fornecedor de soja responsável no mundo

A certificação da Mesa Global da Soja Responsável RTRS (Round Table on Responsible Soy) consolidou, em 2025, sua expansão global e reforçou o protagonismo do Brasil na oferta de soja responsável. Dados mais recentes indicam que a produção mundial certificada atingiu 10,3 milhões de toneladas, evidenciando o avanço da adoção de práticas sustentáveis em larga escala ao longo da cadeia agrícola.

O crescimento não se limita à produção. A demanda global pelo grão certificado também avançou, com alta de 9,5% em 2025, somando 8,1

milhões de toneladas. O movimento está diretamente ligado ao maior engajamento da indústria, especialmente nos segmentos de ração animal e alimentos, diante de exigências crescentes por cadeias mais sustentáveis e rastreáveis. A base produtiva da certificação também segue em expansão. Atualmente, a RTRS reúne mais de 84 mil produtores certificados, além de uma rede estruturada que inclui centenas de unidades de armazenamento, portos e indústrias, conectando diferentes elos da cadeia.

O Brasil lidera esse movimento de forma expressiva. De acordo com a RTRS, o país concentra

220 unidades certificadas e responde por 77% da área total e 83% da produção global de soja RTRS, consolidando-se como principal fornecedor de soja responsável ao mercado internacional.

Atualmente, os produtores certificados RTRS estão no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai, Índia e Uganda. enquanto a demanda segue puxada principalmente por mercados europeus. Países como Holanda e Dinamarca lideram o consumo, impulsionados por regulamentações ambientais mais rigorosas e pressão por rastreabilidade (<https://responsiblesoy.org/>).